



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DIREÇÃO

Florianópolis, 1 de julho de 2020.

NOTA DA DIREÇÃO

Pela conciliação

O mundo está envolvido em uma luta contra um inimigo perigoso: a pandemia do novo coronavírus, que causa a doença chamada COVID-19.

Infelizmente, este inimigo encontra as pessoas desunidas. Vivemos um momento de acirramento da divisão e de ataques entre grupos. Divididos desse modo, não conseguimos combater o verdadeiro inimigo (a pandemia) com o melhor de nossos esforços.

Acreditamos que muitas dessas divisões e ataques ocorrem por falsas comunicações, desentendimentos e interpretações equivocadas das palavras, atos e intenções do próximo. Em vez de adversários, na maioria das vezes seríamos parceiros. Mas algo ou alguém nos confunde e o conflito surge.

Acreditamos também que a comunicação baseada na verdade dos fatos, inclusive na admissão da dúvida quando ela existe, é o princípio que pode minimizar os conflitos de comunicação de nosso tempo. E que a tolerância, a empatia e o apoio mútuos são os guias para as ações que podem ajudar a humanidade a superar essa grave crise da melhor forma.

Há um fato importantíssimo, que ainda não é de amplo conhecimento pela população: **a previsão mais moderada é que a pandemia deve durar por cerca de dois anos (2020-2021)**. Esse deve ser aproximadamente o tempo que vai levar para que a maior parte da população já tenha se exposto ao vírus e adquirido imunidade, se continuarmos vivendo de forma a alternar períodos de maior ou menor isolamento social, como temos feito, tentando controlar o número de casos de acordo com a capacidade de atendimento dos hospitais. Terminar antes disso seria viável apenas se uma vacina eficaz for desenvolvida e amplamente distribuída à população (não se pode ainda ter certeza de que se vai conseguir essa vacina). E a pandemia pode até durar mais de dois anos, se a imunidade adquirida pelas pessoas expostas ao vírus não for protetora e duradoura (ainda não há certeza sobre isso).

Como a doença é transmitida pelas gotículas respiratórias de pessoas infectadas que caem nas mucosas (nariz, olhos, boca) de pessoas saudáveis, o distanciamento social (manter dois metros de distância de outras pessoas, não permanecer em ambientes fechados onde possa haver alguém infectado) e as medidas de higiene (lavar frequentemente as mãos ou fazer a higiene das mãos com álcool e não levar as mãos aos olhos e à boca) são, com toda a certeza, medidas protetoras. Se

essas medidas forem seguidas completamente por alguém, é certo que a pessoa não contrairá a COVID-19.

Portanto, o distanciamento social e a higiene são, certamente, medidas que devem ser buscadas por todos. Não há dúvidas quanto a isso.

“Buscar”, no entanto, não significa obrigatoriamente “obter” e “manter”. Nem todos conseguem ou devem obter e manter essas medidas plenamente.

Vamos começar citando os profissionais de saúde. É evidente que, por força da profissão, para cumprimento de seus deveres, eles estarão em contato próximo com pessoas doentes. E por isso, estão expostos a alto risco de contágio. Apenas esse fato já bastaria para que esses profissionais devessem receber o maior apoio da sociedade. E o maior apoio que podem receber é que se permitam a eles as melhores condições para exercerem seu trabalho.

Outras profissões também são essenciais. Não se pode viver mais do que poucos dias sem abastecimento de água, sem produção e distribuição de alimento, sem segurança ou sem limpeza. Não há saúde ou higiene se essas atividades não funcionarem a contento. Todos os profissionais e serviços destes setores merecem a proteção de nossa sociedade para que possam seguir funcionando, da melhor forma possível, enquanto for possível. Merecem tanto respeito quanto o que dedicamos aos profissionais da saúde.

Frequentemente esquecidos, devemos lembrar dos setores administrativos das empresas, públicas ou privadas. Para que os setores citados possam continuar exercendo suas atividades, os administradores precisam estar atuando. Felizmente, para muitos desses profissionais, o trabalho “de casa”, usando os instrumentos de informática e comunicação pela internet, têm permitido o distanciamento social. Sem estas tecnologias, estaríamos em dificuldades ainda mais sérias.

Quem pode manter o distanciamento social precisa mantê-lo. Para o seu próprio bem, mas principalmente para o bem da sociedade como um todo. Quem pode ficar em casa está aumentando a segurança de quem precisa sair de casa, por força do dever.

Dois anos de pandemia é um tempo muito longo. Entendemos que adaptações precisam ocorrer para que setores “não-essenciais” da sociedade também possam funcionar com segurança, para que os profissionais neles atuantes possam obter seus rendimentos. Porém, para muitos, talvez não haja possibilidade para adaptação. **Aglomerações desnecessárias de pessoas não deveriam ocorrer.** Pessoas cujo modelo de atividade dependa disso devem, urgentemente, repensar seus negócios. E deve haver apoio da sociedade para essas mudanças necessárias, bem como para aquelas pessoas que ficarem impossibilitadas de obter seu sustento temporariamente por desemprego. Esses são setores da sociedade que precisam ser tratados como se estivessem “gravemente doentes” do ponto de vista econômico. Compreendemos isso, e os profissionais e estudiosos da área da economia podem e devem atuar para elaborar o apoio a estes setores.

Nossa obrigação, como entendedores do processo biológico da pandemia, é alertar que diversas atividades realmente não devem funcionar, sob risco de inviabilizar completamente o controle da pandemia. Por exemplo, aulas e reuniões presenciais que ocorram em um ambiente de sala de aula precisam ser mantidas suspensas neste momento, não há dúvida quanto a isso. Temos

séria dúvida com relação ao funcionamento do transporte coletivo: por um tempo muito prolongado as pessoas ficam muito próximas e o risco de contágio aumenta. Isso pode aumentar de forma descontrolada o aparecimento de casos da doença necessitando de internação e UTI além de nossas capacidades de atendimento. Muitas outras atividades poderiam igualmente ser evitadas durante a pandemia.

O uso de máscaras é recomendado para toda a população ao ter qualquer atividade fora de casa, pois de fato reduz o risco de transmitir a doença. Mas é necessário lembrar que ela apenas diminui o risco, não elimina completamente. Usar a máscara é um complemento para o distanciamento social e a higiene, não os substitui. Uma atividade que envolva contato próximo entre pessoas, se não for essencial, não deve ser realizada, mesmo que as pessoas usem máscaras.

Recentemente, estão surgindo evidências de que o uso de medicamentos no tratamento da COVID-19 pode ser eficaz. O uso de medicamentos deve ser sempre reavaliado pelas autoridades de saúde pública, na medida em que surgem novos estudos. Também devem ser garantidas e protegidas as autonomias de prescrição ao médico e de decisão compartilhada ao paciente, sempre que a situação clínica exigir decisões ainda não contempladas em estudos clínicos de qualidade. De qualquer maneira, é necessário lembrar que se os medicamentos puderem mesmo reduzir o risco de desenvolver a forma grave da doença, não eliminariam completamente este risco. Mesmo quando forem usados, devemos lembrar que eles serão, como as máscaras, um complemento para o distanciamento social (não um substituto).

Por fim, queremos lembrar de outras duas atividades que são essenciais, não podem ser interrompidas completamente durante a pandemia e devem ser adaptadas para seguirem em funcionamento: 1) a formação de profissionais de saúde, que vão atuar diretamente no atendimento dos doentes em enfrentamento à pandemia (a pandemia pode durar tempo demais para que o quadro de recursos humanos em saúde possa suportar a carga de trabalho e o grau de adoecimento e afastamentos, sem reposição de profissionais); 2) a pesquisa sobre a pandemia, que justamente pode encontrar soluções necessárias para prevenção e tratamento. Ambas são atribuições da Universidade que, a muito custo e esforço, precisamos também manter, como nosso dever. Para isso, necessitamos da compreensão e apoio da própria Universidade e da sociedade em geral.

Entre nós, não deve mais haver adversários nessa luta. Somos companheiros do mesmo exército. Ou melhor, órgãos do mesmo corpo.

Original firmado

**Pela Direção do Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal de Santa Catarina**